



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 12 de fevereiro de 2025

<b>Bolsas</b> Na terça-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na terça-feira	<b>Salário mínimo</b>	<b>Euro</b> Comercial, venda na terça-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,76% São Paulo	126.224 6/2 7/2 10/2 11/2	R\$ 5,767 (-0,31%)	R\$ 1.518	R\$ 5,975	13,15%	13,29%	Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16
		Últimos					
		5/fevereiro 5,794					
		6/fevereiro 5,763					
		7/fevereiro 5,793					
		10/fevereiro 5,786					

## COMÉRCIO EXTERIOR

Enquanto Canadá e UE prometem reciprocidade à taxação em 25% do aço e alumínio imposta pelos EUA, Brasil prefere aguardar

# Governo segue cauteloso sobre tarifação de Trump

» RAFAELA GONÇALVES  
» RAPHAEL PATI

As tarifas de 25% sobre as importações de aço e alumínio, anunciadas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, devem entrar em vigor a partir de 12 de março para todos os países, incluindo o Brasil, de acordo com as declarações emitidas pela Casa Branca.

O Brasil é o segundo maior exportador de aço para os EUA, com um total de 4,08 milhões de toneladas exportadas somente em 2024, ficando atrás apenas do Canadá, que liderou com 5,95 milhões de toneladas.

O governo brasileiro mantém a postura de cautela, preferindo não se pronunciar. No início da noite de ontem, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, apenas lamentou a decisão e disse que medidas unilaterais, como essa, são “contraproducentes para a melhoria da economia global”. “A economia global perde com isso, com essa retração, com essa desglobalização que está acontecendo”, afirmou o ministro, após encontro com Lula, no Palácio do Planalto.

Sobre a possibilidade de negociar condições melhores para a relação comercial entre os países, Haddad reconheceu que ainda não sabe qual a disposição do governo dos EUA para negociações. A respeito das demandas do setor de aço e alumínio, o ministro ressaltou que se reúne com frequência com representantes

do segmento e avalia que deve ter um novo encontro com essas lideranças após a volta de uma viagem que fará ao Oriente Médio, entre os próximos dias 14 e 20 de fevereiro.

O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Geraldo Alckmin, não comentou.

A postura brasileira contrasta com a de outros países afetados. A União Europeia e o Canadá prometeram impor respostas duras ao “tarifação” de Trump.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse que o bloco vai agir para proteger seus interesses econômicos. “Tarifas são impostos — ruins para os negócios, piores para os consumidores”, afirmou. “Tarifas injustificadas sobre a UE não ficarão sem resposta — elas desencadearão contramedidas firmes e proporcionais”, completou.

Já o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, reforçou que as tarifas são inaceitáveis e que o governo canadense dará uma resposta firme e clara. As declarações foram feitas durante a Cúpula de Ação de Inteligência Artificial, realizada em Paris, e que conta com a presença de diversos chefes de Estado. Outros países, como México, França e Alemanha, também se posicionaram contra a medida.

### Indústria

Em posicionamento oficial, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) manifestou “enorme preocupação” diante das

gerdau-divulgação



Entidades que representam a indústria do aço brasileiro pressionam por medidas de defesa comercial

tarifas anunciadas anteontem. A entidade ressaltou que as exportações industriais são essenciais para o crescimento econômico e fortalecimento da competitividade do Brasil, além de destacar que a barreira a esses produtos nos Estados Unidos causa apreensão ao setor.

“Essa medida é prejudicial tanto para a indústria brasileira quanto para a norte-americana. Lamentamos a decisão e vamos atuar em busca do diálogo para mostrar que há caminhos para que seja revertida”,

declarou o presidente da CNI, Ricardo Alban. Ontem, o Instituto Aço Brasil se posicionou sobre a medida, em nota, comunicando que recebeu “com surpresa” o decreto assinado por Trump. Para a entidade, a mudança viola o acordo firmado em 2018, quando Trump colocou uma taxa de 25% sobre todas as importações de aço e de 10% sobre as de alumínio, excluindo os vizinhos Canadá e México, dois dos principais fornecedores desses produtos. À época, o

governo norte-americano permitiu que outros países solicitassem a inclusão em uma lista de exceção. O governo do então presidente Michel Temer fez o pedido e foi aprovado.

Para a entidade, o acordo atendeu, na época, não só aos interesses do Brasil em preservar acesso ao seu principal mercado externo de aço, mas também aos interesses da indústria de aço norte-americana, demandante de placas brasileiras. Segundo o instituto, as exportações brasileiras

### » Cúpula sobre IA sem avanços

Os Estados Unidos e o Reino Unido se recusaram, ontem, a assinar uma declaração global aprovada por 58 países, incluindo Brasil, União Europeia e China, que pedem uma inteligência artificial (IA) “aberta”, “inclusiva” e “ética”. Os signatários do documento se pronunciaram a favor de uma maior coordenação na governança internacional da IA, o que exige um “diálogo multilateral”, e para evitar a “concentração de mercado”. O vice-presidente dos EUA, J. D. Vance, disse, no evento, que considera um erro fazer parcerias com “regimes autoritários” para desenvolver ou regular a IA, numa clara mensagem à China. A Cúpula sobre IA ocorreu por seis dias, em Paris (França).

não ultrapassaram “em momento algum”, os volumes estabelecidos tanto para semiacabados quanto para produtos laminados.

No comunicado, o Aço Brasil ressaltou, ainda, que o mercado brasileiro sofre atualmente com uma “concorrência predatória”, especialmente por parte da China, que intensificou as exportações dos produtos nos últimos anos. O instituto fez um pedido ao governo brasileiro para que implementasse uma medida de defesa comercial.

## » Entrevista | RICARDO CAPPELLI | PRESIDENTE DA ABDI

# “O que move é a vida objetiva das pessoas”

» IAGO MAC CORD\*

A taxação do aço e do alumínio, decretada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afetará diretamente o Brasil, segundo maior exportador de aço para os EUA. Para o presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Ricardo Cappelli (PSB), o Brasil precisa de prudência neste momento, para medir os impactos e ver se precisará de “algum tipo de ajuste nessa relação bilateral”. Em entrevista ao CB.Poder

de ontem — uma parceria entre o Correio e a TV Brasília —, ele avaliou que a eleição estadunidense não vai impactar na polarização política do Brasil. “Eu andei 26 quilômetros de Brasília, há duas semanas, lá no Sol Nascente. Vi esgoto a céu aberto. É o Trump que vai colocar o esgoto lá para o pessoal, para interferir na realidade política? Ele que vai colher os louros eleitorais?”, questionou aos jornalistas Ana Maria Campos e Carlos Alexandre de Souza. A seguir, trechos do programa:

### Como a taxação de Trump sobre o aço vai afetar o Brasil?

A gente deve ter muita paciência e prudência neste momento. Não são taxas contra o Brasil, são taxas que valem para aço e alumínio do mundo inteiro, incluindo o Brasil. A gente vai ter que medir os impactos disso nas empresas brasileiras e no comércio exterior brasileiro e, a partir disso, pode ou não ter algum tipo de ajuste nessa relação bilateral. Agora, é preciso

ter prudência. O presidente Donald Trump está fazendo os movimentos dele e acho que o Brasil não pode adotar nenhum tipo de postura, e assim o presidente Lula tem conduzido.

### O Brasil é o segundo maior exportador de aço para os EUA. A indústria siderúrgica também está vendo com cautela?

Veja, se está havendo importação de aço para os Estados Unidos, é porque eles necessitam

Andrea Nalini/CB



que esse aço entre. Eles não estão com capacidade de atender ao mercado interno deles. Quando o Trump sobe barreiras para todo o mundo, isso mantém as condições de competitividade do aço brasileiro com outros países, porque eles também terão a mesma tarifa. Então, dificilmente, eles vão conseguir, em curto prazo, no mercado norte-americano, ampliar a produção de forma a atender. A tendência é que eles continuem importando. Se o Brasil consegue exportar para lá, é porque tem condição de competitividade com os demais países. Na frente do palco,

às vezes, os atores políticos elevam o tom para falar para os seus diversos públicos. Nem sempre aquilo que se fala, se materializa.

### Tem gente que, inclusive, pensa que isso pode ser uma oportunidade. O que o senhor acha?

Claro que essas crises sempre geram oportunidades, mas o mercado do aço é um mercado também muito difícil e muito competitivo globalmente. Recentemente, o governo brasileiro também mexeu em algumas tarifas relacionadas ao aço que estava entrando no Brasil, do mercado chinês. A China, com um excedente gigantesco

de produção de aço, estava despejando aço no mercado mundial com um preço bem abaixo do que normalmente é praticado. No comércio internacional, não tem esquerda, direita, não tem nada disso. O que tem são os interesses pragmáticos de cada país.

### Qual o impacto da eleição de Trump na polarização do Brasil?

Eu vejo de forma curiosa, meio hilária, essas manifestações desses grupos. Vão para uma posse, festejam que vão para uma posse e são barrados na posse. É uma coisa meio anedótica. Eu andei, há duas semanas, lá no Sol Nascente, há 26 km do Plano Piloto. Vi esgoto a céu aberto. O Trump vai colocar o esgoto lá para o pessoal, para interferir na realidade política? Ele que vai colher os louros eleitorais? As pessoas precisam de resolução para os seus desafios cotidianos. A grande maioria da população brasileira não está preocupada com esse jogo de torcida ideológica. A pessoa está empreendendo. Ela quer saber o seguinte: ela vai tomar financiamento para ampliar o negócio dela a juros mais civilizados? O custo da energia vai subir ou não vai? O preço dos alimentos vai cair? Essas são as questões que movem a realidade brasileira. A indústria está gerando empregos? A gente está vendo a indústria se desenvolver, ter recorde na geração de empregos.

### Na verdade, o que manda é a economia?

O que move é a vida objetiva

das pessoas. Não só a economia. Quando a gente fala de saneamento, a gente está falando de saúde pública, a gente está falando de sustentabilidade, respeito ao meio ambiente. São as questões concretas do dia a dia. Uma pessoa que acorda às 5 horas da manhã para sair lá de Santa Maria, pega o ônibus pensando em Donald Trump? Isso não existe. A vida real das pessoas não é essa. Agora, tem grupos minoritários, ultramobilizados, que se agarram a essas fantasias e, às vezes, querem transferir essas fantasias para as pessoas, para a realidade das pessoas. Mas eu vejo de forma folclórica isso.

### No dia a dia, o preço dos alimentos impacta bastante no humor do eleitor. Como você está vendo essa questão?

É uma questão relevante, claro. Isso está ligado a questões sazonais aqui do Brasil e também ao mercado internacional. A gente viu o que aconteceu agora com a laranja lá nos Estados Unidos, um problema importante. Isso impacta no comércio global, o café é a mesma coisa. Isso impacta no preço aqui dentro, mas eu tenho muita confiança de que, ao longo deste ano, a gente consegue trazer não só o custo do capital, que a gente está falando aí de Selic, juros, assim como o preço dos alimentos, para níveis mais razoáveis.

### Estagiário sob a supervisão de Edla Lula